

CARCAMANOS E CAIPIRAS NA SÃO PAULO DOS ANOS 1910

Regina Aída Crespo
UNESP/MARÍLIA

I. INTRODUÇÃO

Fábricas lotadas de trabalhadores imigrantes, bairros periféricos de perfil proletário, o *footing* elegante nas ruas centrais, no chamado Triângulo, o curso carnavalesco na Avenida Paulista, transeuntes, bondes, os primeiros automóveis... Estas imagens e estes espaços urbanos socialmente delimitados vêm à mente dos leitores contemporâneos que queiram imaginar a metrópole em construção. Quem se aventurar pela São Paulo das primeiras duas décadas do século terá que percorrer suas ruas, parques e fábricas, a separação de espaços ali presente, e procurar conhecer como esta cidade se organizava e vivia.

Viver a cidade no “calor da hora”, no calor daqueles tempos bem ou mal definidos como pré-modernos, é um exercício de conhecimento que as revistas ilustradas da época oferecem. **O Pirralho** e **A Cigarra** surgem nos anos 10 (o primeiro em 1911, a segunda em 1914) e constroem, com seus artigos, crônicas e reportagens, um amplo retrato desses anos meio informes¹.

São Paulo passa a ser, desde finais do século XIX, uma cidade de perfil incontestavelmente imigrante. Uma maioria de italianos, em grande parte oriundos das fazendas de café, povoa a cidade, principalmente os arrabaldes. A geografia paulistana vai-se construindo na composição de espaços delimitados: os bairros dos ricos, os bairros dos pobres (redutos de imigrantes), as fábricas, as chácaras, o centro. O centro organiza a política na cidade; o centro e seu reinado ainda absoluto, representado pelas lojas, cafés, parques, igrejas e repartições públicas, lugares aos quais grande parte da população acorre: para comprar, passear, se exibir, ou simplesmente trabalhar.

Em suas páginas, **A Cigarra** e **O Pirralho** irão de certo modo situar os vários personagens componentes da capital paulista. Seu público-alvo está majoritariamente nos frequentadores do *footing* pelas ruas do centro. Será para este público que as duas revistas falarão “dos outros”, isto é, das parcelas da população às quais não se destinam, mas que fazem parte do panorama da cidade: os operários, os imigrantes, os caipiras do interior. **O Pirralho** e **A Cigarra** tratarão estes personagens de maneiras diferenciadas: eventualmente no coletivo, em temas como política e economia; normalmente no singular, em narrações, histórias exemplares. Como veremos adiante, quando falam de caipiras e estrangeiros, as duas revistas, principalmente **O Pirralho**, ficam muitas vezes no limiar entre a ficção e a notícia. Ambas possuem projetos políticos e sociais para essas parcelas da população. Falam, porém, a língua das elites; e as soluções que apresentam quase sempre se adequam com perfeição ao vocabulário destas.

2. DE PARIS AO BELENZINHO, OU “EUROPEUS” E “EUROPEUS”

Numa cidade marcada pelo signo da diversidade (em muitos momentos a população imigrante foi majoritária em São Paulo), a presença do “outro”, do

¹ Na citação dos textos originais, a ortografia será atualizada e a pontuação, respeitada.

estrangeiro, do “diferente” deveria ser metabolizada como alguma coisa normal. Mas, será que isso realmente ocorria? Numa sociedade em que se suspirava por Paris e seus modismos, a presença do elemento europeu deveria ser cultuada pelo menos como a aproximação possível com o dito “mundo civilizado”. Entretanto, folheando alguns exemplares d’**A Cigarra** e d’**O Pirralho**, é possível observar em sua “atmosfera”, na sua maneira de escrever, que, para elas e seus leitores, havia “europeus” e “europeus”².

Enquanto Paris era consensualmente adotada como referência cultural (elementos como civilização, gosto, espírito moderno e a própria idéia de cultura eram associados à capital francesa, eventualmente a Londres), a Península Ibérica, por exemplo, permanecia em segundo plano. A Lisboa portadora de um papel civilizatório perdia-se na distância do passado colonial. As elites, que não buscavam raízes ibéricas, ou pelo menos não o faziam com muita ênfase (preferindo misturar *spleen* e “parisina” bilaquiana), igualmente se afastavam da Itália, em grande parte associada à miséria de seu sul agrário, de onde provinha a maioria dos imigrantes...

Tal elemento de certo modo explica o seu menosprezo pelo que poderíamos, com uma boa dose de licença, chamar de “europeus brasileiros”, isto é, os imigrantes já incorporados à indústria emergente, principalmente italianos, mas também espanhóis, alemães, poloneses... Imigrantes adaptados e “aclimatados” ao país, com filhos nascidos aqui, inserida a família toda na vida produtiva, normalmente em seus patamares mais baixos: os das linhas de produção, dos serviços autônomos e do baixo comércio.

Talvez a própria associação dos imigrantes paulistas a esses tipos de trabalho explique tal menosprezo, que se fazia acompanhar, porém, de uma ponta de temor e preocupação por parte das elites, diante de possíveis movimentos reivindicatórios ou revolucionários (afinal, muitos dos estrangeiros eram libertários e seu cosmopolitismo não deixava de assustar).

Na grande maioria de suas reportagens, artigos e crônicas, **O Pirralho** e **A Cigarra** reforçavam a imagem pejorativa dos imigrantes, que acabavam surgindo como “europeus de segunda linha”, cidadãos (!?) de segunda classe.

Criticando uma companhia marítima que trazia, em condições sub-humanas, “até animais com cara de gente, contanto que o Governo *morrá* nas libras”, **O Pirralho** perguntava: “Para que tanto imigrante se há mais de 20.000 almas a procura de emprego?” E continuava:

*“Não há necessidade de que, o Governo mantenha esse serviço mal feito e dispendioso, contraproducente, se com o tempo a Europa inteira, sem distinção de nacionalidades, tenderá a procurar o Brasil. (...) a imigração espontânea redobrá logo que todos saibam que o Governo não precisa de parasitas, de vadios, de vagabundos, de turistas, como é a maioria dos que vêm sob a bandeira Antunes dos Santos.”*³

Mergulhada no espírito ufanista de seu tempo, a revista não explicava, porém, o que levaria a “Europa inteira” a procurar o Brasil, muito menos por que existiam tantos desempregados por aqui.

² Como veremos adiante, o nacionalismo, tão em voga naquele momento, iria trabalhar de modo curioso com essa diferença.

³ **O Pirralho**, 135, 21 de março, 1914.

3. ORDEM E PROGRESSO?

São curiosas algumas comparações estabelecidas pela revista **A Cigarra** entre o Brasil e o “mundo civilizado”. No afã de equiparar o país a este mundo idealizado pelas elites como o lugar real da “ordem” e do “progresso”, Manuel Leiroz, cronista d’**A Cigarra**, sugere à prefeitura paulistana reproduzir as batalhas de flores realizadas em Paris.⁴

Com relação à **O Pirralho**, observe-se que, em seu primeiro número, o cronista Jaime da Gama percebe que a capital

”já é um centro onde as manifestações da vida mundana se fazem sentir fortemente. Já não somos os tristes moradores de uma cidade provinciana.”

Ao analisar a sociedade paulistana e a falta de hábitos sociais principalmente da alta roda, faz uma observação interessante:

a sociedade “bifurca-se em três rumos distintos: o povo, a burguesia e a alta roda. (...) Aqui é a burguesia que mais se diverte. O povo, coitado, contenta-se com o trabalho. A alta roda aborrece-se no isolamento.”

É curioso pensar nesse tipo de estratificação. O cronista afirma que a alta roda se isola. Entretanto, os espaços nobres da cidade vão sendo paulatinamente transformados para o seu exclusivo desfrute. A mesma crônica anuncia que a Avenida Paulista ganhará um parque “que está talhado a ser o lugar do *rendez-vous* da alta roda paulista. Será o nosso Bois de Bologne.” E, enquanto isso, o povo simplesmente “contenta-se com o trabalho”... Quatro anos mais tarde, ao descrever as batalhas de *confetti* e lança-perfume travadas por moças e rapazes na Praça da República, um anônimo cronista diria no mesmo **O Pirralho**:

*“Quem não tem dinheiro para comprar, diverte-se vendo.”*⁵

Descrições de domingos nos parques da cidade, em que a maioria da população apenas passeia e admira, enquanto a elite toma sucos e sorvetes, reforçam essa imagem de marginalização, que a revista **A Vida** (anarquista, publicada no Rio de Janeiro), vai tratar com profundidade, ao longo de seus sete números, entre 1914 e 1915. A crise econômica não é matéria de muitas páginas nas mundanas **A Cigarra** e **O Pirralho**. Entretanto, é o tema d’**A Vida**. A revista assombrava-se com a quantidade de suicídios nas camadas mais pobres da população,

*“devido ao que a grande imprensa chama candidamente dificuldades da vida e que nós chamamos de miséria.”*⁶

⁴ LEIROZ, M. “Batalha de Flores”. **A Cigarra**, 19, 25 mar. 1915. Note-se que o autor sugere a realização de tais “batalhas” em abril, primavera europeia, quando estamos em pleno outono.

⁵ PIRRALHO Social. **O Pirralho**, 171, 15 jan. 1915.

⁶ A EPIDEMIA do Suicídio. (CRÔNICA Subversiva). **A Vida**, 2, 31 dez. 1914. Grifos no original.

3.1. Três séries de personagens

Mas se o povo não aparece como protagonista dos eventos grandes e prazerosos, escondendo-se por trás do sujeito indefinido (“Quem não tem dinheiro, diverte-se vendo”...), surge de outras maneiras. Ora tutelado, sob um certo beneplácito bem-humorado, ora como antagonista de quem escreve e compra as duas revistas da época. Surgirão o caipira simplório, como o de Cornélio Pires, que se espanta alegremente com a cidade grande a cada passo que dá⁷, e a caipira puritana, “Purcheria do Sabará”. Nas cartas versificadas que envia diretamente da cidade aos seus amigos da roça, “dona Purcheria” demonstra indignação e surpresa com as novidades da capital, as quais não consegue entender:

*“Aqui ezéste umas coisa/ Que diz cinema chamá/ Verdadeira nuvidade/
Mais porém, muito imorá”(...)/ Os óio da gente arde/ De vê tanta
baraiada/ Uma hora os beijo ferve/ Outra hora sai paulada”⁸.*

Também n’A *Cigarra* aparecerá a folclórica “Coroca Velha”, enviando seus alertas e conselhos às jovens leitoras da revista. A autora da coluna “Crônica de uma Velha Rabugenta” (que circula, esporadicamente, nos anos de 1916 e 17) é um personagem muito peculiar. Com esse pseudônimo significativo, reflete normalmente sobre os novos hábitos, aconselha as moças sobre como devem se comportar em sociedade e defende a tradição e os valores da família. O curioso é que, a exemplo da caipira “Nhá Purcheria”, este personagem é depreciado a partir do próprio nome. Quem seguiria os conselhos de uma “velha coroca”? “Coroca Velha”, moralista, opina a partir de valores ultrapassados diante da nova vida da cidade. Por isso, talvez, o tom cômico e folclórico dos seus conselhos e opiniões, fazendo contraponto com um público e uma cidade que se modernizam.

Ao lado dos simplórios, simpáticos e - de certo modo - anacrônicos caipiras, surgirão operários calados e atentos, como os da fantástica crônica de Antonio Cabral, d’O *Pirralho*, sobre uma palestra do socialista francês Jean Jaurés no Teatro Municipal⁹. Cabral pontua a narração com oposições sarcásticas ao “espírito” da época e ilustra o provincianismo da *intelligentzia* paulista (“moços de talento”, “professores de direito, jornalistas e políticos iminentes fazendo cara de que iam compreender”), mostrando quão restrito era o seu conhecimento do mundo. Ora, a informação mais precisa que os homens doutos da elite paulistana dispunham sobre Jaurés era de que ele era um “grande homem”. Durante a conferência, essa parte do público, egocêntrica e nacionalista, só iria sentir-se feliz com a alusão elogiosa de Jaurés a Euclides da Cunha (o Brasil em pauta, afinal!).

No entanto, Cabral está atento a uma outra parte do público, cuja caracterização física e psicológica será feita sem o recurso à ironia impiedosa com que tratou a elite:

*“Mas também havia lá, no mais escuro da sala, faces cortadas
duramente, a boca raivosa avançando de trajas velhos e humildes -
bebendo pelos olhos toda a grande alma do batalhador.*

⁷ PIRES, C. Te esconjuro”. *A Cigarra*, 61, 28 fev. 1917.

⁸ PURCHERIA DO SABARÁ. “Cartas de Nhá Purcheria. *A Cigarra*, 60, 15 fev. 1917. Como se nota pela transcrição, a linguagem simula o falar caipira, procedimento utilizado naquele momento em praticamente todas as crônicas com temática rural (ou regionalista, se preferirmos). O *Pirralho* e, principalmente, *A Cigarra* mantêm colunas no estilo “Página Caipira”. Cornélio Pires publica em ambas as revistas.

⁹ CABRAL, Antonio. “Jaurés”. In: *O Pirralho*, 3, 26 ago. 1911.

“A cada palavra mais forte, a cada invectiva mais direta, eles, silenciosos, os olhos fixos, esmagavam as mãos calejadas uma contra a outra, na visão estupenda das reivindicações tumultuosas.”

A maneira com que o Autor descreve aqueles homens reforça a oposição entre eles e o resto da platéia. Apesar de ocuparem o “mais escuro da sala”, Cabral os coloca em posição de ataque, na antevisão do combate por modificações sociais (como sugerem as descrições da “boca raivosa” a avançar, dos olhos fixos, das mãos esmagando-se).

É curioso notar que, em 1911, fase de relativo refluxo do movimento operário (que vinha de uma greve pela jornada de oito horas, em 1907, e preparava-se para a explosão da greve geral de 1917), **O Pirralho** publicava em seu terceiro número uma crônica que se distinguia do conjunto da revista pelo próprio assunto tratado: a conferência de um socialista. Além disso, destacava-se pela ironia não usual com que o Autor decidira descrever a fina flor da intelectualidade paulistana e afirmar o provincianismo da cidade (negado, como já vimos, por outros cronistas do próprio **O Pirralho**). Destacava-se, também, por registrar a presença ainda silenciosa - mas já insinuante - de homens pobres, provavelmente militantes do movimento operário, no espaço físico da cidade reservado às suas elites.

Mas, além desses homens silenciosos, aparecerá n’**O Pirralho** o imigrante astuto e malandro, que enfrenta a cidade e luta com todas as armas que possui: da ironia ao oportunismo; do socialismo (ou “sucialismo”, como escreve matreiramente **O Rigalegio**, componente d’**O Pirralho**) à adulação.

Exemplo primoroso desse imigrante oportunista é Juó Bananère, um dos personagens de maior sucesso na revista. Barbeiro italiano, Bananère vai comentar e às vezes, por incrível que pareça, até viver de perto os principais eventos da política nacional e municipal¹⁰. Bananère opina sobre tudo e todos, tenta vencer na vida aproximando-se dos poderosos do momento, e narra suas experiências numa página especial da revista (primeiramente “Cartas d’abax’o Piques”, depois “O Rigalegio”, que funciona, inclusive, como se fosse um jornal autônomo dentro dela)¹¹.

Na esteira d’**O Rigalegio**, surgiria o “Birralha, Jornal Alemong”, em que o dialeto não tinha matriz italiana, mas germânica. Funcionando, a exemplo d’**O Rigalegio**, como um jornal dentro da revista, o “Birralha” tratava temas da atualidade sob uma suposta óptica imigrante (normalmente do Professor Peterslein), consubstanciada, também, na grafia e no vocabulário particularíssimos, misturando palavras e sons alemães aos portugueses, com toda a tradicional e conhecida irreverência d’**O Pirralho**.

Caipiras, operários, imigrantes... nas rápidas pinceladas com que foram apresentados esses personagens, é possível perceber como as revistas os tratavam. O caipira, o operário, o imigrante, o povo na praça, nenhum deles é “*chic*”, nenhum deles é um padrão de sucesso ou um modelo a imitar. Apesar de, no caso específico dos caipiras, o enfoque das duas revistas ser simpático e

¹⁰ *O Pirralho* chegaria a publicar uma “entrevista” realizada por Bananère com o presidente norte-americano T. Roosevelt, em visita a São Paulo. Bananère, que o chama de “Riseverdi”, sugere-lhe, entre outras coisas, um passeio ao Bom Retiro - onde “stó tuttos pissoalo maise xique di Zan Baolo” - para conhecer suas lindas costureirinhas. BANANERE, J. “Brutta circunferenza co Riseverti”. In: **O Rigalegio (O Pirralho)**, 115, 1 nov. 1913).

¹¹ Vale lembrar que o dialeto ítalo-paulista com que se comunicava, criado por Oswald de Andrade e desenvolvido por Alexandre Marcondes Machado, além da verve característica da personagem (verve que, em grande parte, só se compreende e tem sentido no contexto do próprio dialeto), deu a Juó Bananère um lugar permanente na história e na teoria literárias brasileiras.

condescendente (afinal, eles também eram brasileiros!), a imagem predominante dessas camadas sociais é negativa. Pode-se perceber no ideário da época, em que as revistas se inserem, a existência de um desejo (talvez um pouco difuso) de integrar essas camadas à nação, em obediência, porém, a um modelo ideológico que as incorporasse, mantendo-lhes, porém, a posição subalterna. A educação teria aqui o seu papel.

4. O QUE ENSINAR E PARA QUÊ?

A preocupação com o nível cultural das massas está presente em qualquer programa de transformação social, isso não é novidade. No Brasil dos anos 10, especificamente na São Paulo desses anos, não se pode dissociar a “vontade de educar”, então corrente, de um elemento-chave no momento: o nacionalismo, bastante estimulado pela Primeira Guerra Mundial.

4.1. Para o tema da guerra, um parêntese

É interessante percorrer os vários números d’**O Pirralho** e, principalmente, d’**A Cigarra**, para perceber como o conflito europeu vai crescendo de importância até o ponto de ambas as revistas exigirem o envio de tropas brasileiras à Europa. **A Cigarra**, cujo nome remete paradoxalmente ao gozo e ao prazer, à arte e não à guerra, abraça com fúria a causa européia, chegando ao ponto de publicar durante muitos meses (entre 1917 e 18), antes da tradicional crônica de abertura com que iniciava todos os números, duas ou mais páginas tratando de temas militares, em coluna denominada “Defesa Nacional”. É na Europa que o sangue e a miséria se encontram, é na truculência germânica que estão os males do mundo. É entre germanófilos e francófilos que se decide o futuro da humanidade. Finalmente, é na declaração de guerra à Alemanha que o Brasil se posicionará diante do mundo e poderá fazer-se ouvir¹².

Mergulhadas nessa atmosfera belicosa, desejando conquistar para o Brasil o acesso ao “clube” das nações civilizadas, as elites empreendem uma campanha - que as revistas encampam! - para despertar no povo o amor à nação, o respeito aos símbolos pátrios e, principalmente, para criar um exército nacional. É nesses anos que o bardo Olavo Bilac percorrerá o país, estimulando a criação do serviço militar obrigatório. É nesses anos que a preocupação com o cosmopolitismo do movimento operário aumentará.

Vale a pena reproduzir os comentários d’**O Pirralho** sobre as viagens de Bilac pelo interior do país:

“Este proveitoso labor de Bilac já deu os primeiros frutos, áureos e magníficos, e dele provém, em grande parte, a ida pressurosa dos moços brasileiros ao quartel general de cada região, alistando-se como voluntários especiais (...)

“No seio da nossa juventude, estudiosa e sonhadora, agora palpita, fortemente, talvez mais do que nunca, a verdadeira vontade de ser bastante útil a esse regenerador movimento que pretende fazer de cada um de nós um valoroso defensor da integridade do Brasil (...)

¹² “O Brasil levanta a luva: Salve pátria gloriosa!”: foram, simultaneamente, título de artigo e palavras de ordem com as quais a revista saudou a entrada do Brasil na guerra (já em finais de 1917, depois do torpedeamento de navios brasileiros). **A Cigarra**, 78, 31 out. 1917.

“Os moços brasileiros que ouvem as orações daquele vate primoroso e patriota, doutrinador, escutando também o que lhes dita o coração ardente e radiante de brasileiros são para nossa Pátria (...) as mais certas, as mais belas esperanças!”¹³

4.2. “Regenerações”

Pode-se “arregimentar” nas duas revistas algumas idéias e expressões recorrentes, importantes para melhor compreender a “forma *mentis*” do momento. Nacionalismo, honra da pátria, patriotismo, cosmopolitismo, modernização, progresso, tradição eram palavras de alusão permanente. Entre elas, porém, uma merece comentário especial: “regeneração”. Campanhas de regeneração eram o que pregava **O Pirralho**. Regeneração moral, com a exigência do término das loterias; regeneração social, com o fim das sociedades mutualistas (de “malandros que vivem usurpando os incautos”, “sugam as economias do operariado e absorvem o fruto do trabalho honesto de um modo revoltante”)¹⁴.

Regeneração intelectual era o que reivindicava o cronista Totó, também n’**O Pirralho**, (numa terra em que é difícil “trabalhar em prol de tudo quanto não oferece vantagens pecuniárias” (...) e por um ideal quase inatingível de congregar esforços e reunir aptidões em torno da causa ingrata das artes e das letras”¹⁵).

Finalmente, poderíamos pensar em regeneração nacional, a partir do próprio texto elogioso a Bilac, há pouco transcrito d’**O Pirralho**. Como veremos, regenerar é a idéia implícita nos projetos defendidos pela revista **A Cigarra**, na defesa que empreende do serviço militar obrigatório, do ensino de português, da criação de escolas básicas, das iniciativas dos estudantes universitários em levar campanhas de alfabetização.

4.2.1. Educação e regeneração: *A Cigarra* vai à guerra

Para melhor compreender a relação estabelecida entre estes dois termos: educação e regeneração, é interessante comentar algo da conduta da revista **A Cigarra** (exemplar, em sua verdadeira “cruzada” em benefício da pátria). A revista constata a existência de um povo ignorante a ser educado (“regenerado”?)¹⁶ e a necessidade da incorporação dos imigrantes à vida e aos valores do país¹⁷. Na crônica de agosto de 1916, em que defende o serviço militar como elemento ideologicamente mobilizador entre os brasileiros (estimulador do patriotismo), **A Cigarra** preocupa-se exatamente com os imigrantes e sua perigosa influência:

“Até aqui, hemo-nos deixado arrastar benevolmente na onda do cosmopolitismo, cedendo a sentimentos de um altruísmo que nos enobrece, é certo, mas que em nada concorre para assegurar o destino de nossa pátria.

¹³ BELAS Esperanças. **O Pirralho**, 223, 30 set. 1916. Grifo meu. Recorde-se que a Liga Nacionalista fora criada nesse ano, no Rio de Janeiro, por Olavo Bilac, Pedro Lessa e Miguel Calmon. Cf. MARTINS, W. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1978. v. 6, p. 40.

¹⁴ Respectivamente, **A JOGATINA** em São Paulo. **O Pirralho**, 141, 2 mai. 1914; **AS MÚTUAS**. **O Pirralho**, 142, 9 mai. 1914.

¹⁵ TOTÓ. Cartas ao Jacinto. **O Pirralho**, 223, 30 set. 1916.

¹⁶ CRÔNICA. **A Cigarra**, 74, 8 set. 1917.

¹⁷ CRÔNICA. **A Cigarra**, 49, 31 ago. 1916.

“É incontestável que muitos estrangeiros se estabelecem no Brasil, se casam e formam família. Também se sabe que eles não exercem uma influência notável na mentalidade brasileira. Mas é fato averiguado que a exercem nos indivíduos, sobretudo nos seus descendentes cujo atavismo os desinteressa por completo dos destinos da pátria que adotaram.

“Daí essa falta de homogeneidade, de coesão, de compreensão, tão prejudicial ao patriotismo do país.”

A *Cigarra* observa entre nós a inexistência dessa coesão de espírito, encontrada, por exemplo, entre os ingleses, conquistada exatamente pelo patriotismo. E constata:

“Por isso, o nosso papel de nacionalidade se mostra tão enfraquecido aos olhos do mundo inteiro. Não nos sentimos com a amplidão de vistas e a tenacidade necessária para dominar a influência do cosmopolitismo. (...) Somos uns desalentados, sem o sentimento bastante para lutar e também para compreender as conseqüências da nossa atitude ante as eventualidades de um ataque à soberania do Brasil”

Apesar da amargura da crônica citada, a partir de elementos como os seus, A *Cigarra* vai criando, lentamente, uma imagem-ideal do brasileiro. Evidentemente, uma imagem ainda inexistente, a ser conquistada: a do jovem que serve à sua pátria, que se dedica a defendê-la, que deseja vê-la progredir e que trabalha para isso.

Na crônica do ano seguinte, sobre o “sete de setembro”¹⁸, A *Cigarra* tocará num elemento a erradicar: o analfabetismo (“que tem entravado até agora a marcha gloriosa dos nossos destinos”). Além disso, usando o tema do nacionalismo de maneira ufanista, sem o temor e o pessimismo da crônica anterior (nacionalismo “que talvez venha a ser (...) o partido pujante no qual as massas populares repousem confiantes, todas as suas esperanças”), A *Cigarra* busca desenvolver a idéia da comunhão necessária entre brasileiros e estrangeiros na construção do país:

O nacionalismo “não deve circunscrever-se a um culto exclusivista”, pois “na obra de formação do Brasil há nomes estrangeiros para os quais a História reserva as mais veementes gratidões. (...) O nacionalismo pode e deve, portanto, ir além das fronteiras nacionais, sem que por isso diminua o brilho e grandeza de suas aspirações.”

Nesse sentido, A *Cigarra* lança a sua idéia de pátria:

“A Pátria, como a concebem os grandes espíritos, deve ser una, grande, superior à distinção de castas ou raças, saturada de espírito de fraternidade, abrangendo no mesmo amplexo tanto nacionais como estrangeiros.

A crônica reforça o seu tom profético:

“Neste terreno de tolerância, o Brasil há de marchar, realizar os seus destinos históricos, ser, enfim, a nação com que o verdadeiro patriota sonha de há muito tempo.”

E, antes de concluir, **A Cigarra** conclama a ação dos leitores, numa significativa primeira pessoa do plural:

“Esqueçamos as paixões pequeninas, façamos uma política larga, liberal, multipliquemos o número das nossas escolas, para que o povo possa ser devidamente instruído e, sobretudo, educado.”

Na conquista de um futuro glorioso para o país - que, a julgar pela crônica, já estaria a caminho - um elemento teria papel preponderante:

“A escola (que) há de, necessariamente, influir nossos futuros destinos nacionais (...) isto realizado, poderemos então comemorar sem apreensões, antes com tranqüilidade e orgulho o nosso 7 de setembro, a data principal da nossa História, porque então, e só então, teremos o direito de nos julgarmos um dos mais perfeitos organismos sociais da América do Sul.”

De acordo com a revista, o inimigo interno explícito, a ser dominado para que o Brasil crescesse, estaria no analfabetismo e na ignorância das massas. As elites, portanto, recebem d'**A Cigarra** toda a responsabilidade pela transformação do país (afinal, segundo se lê na revista, o Brasil possuiria basicamente dois grupos distintos: uma elite capaz de “educar” e um povo a ser “educado”). É curioso que, diferenciando esses dois grupos, compartimentalizando-os e dispondo, em oposição à elite esclarecida e apta a ajudar a “pátria”, o resto da população - um conjunto heterogêneo composto pelas “massas populares” -, **A Cigarra** vai acabar afirmando, outra vez, a inexistência da harmonia, fraternidade e homogeneidade necessárias à conquista dos nossos “destinos históricos” (que, nessa crônica, ela nem se dispõe a definir).

A preocupação, presente n'**A Cigarra**, em associar a campanha de alfabetização que propõe a uma verdadeira manobra de guerra ilustra bastante bem o espírito de seu tempo. As próprias expressões a que recorre para isso o comprovam. Na já mencionada crônica de 1917, **A Cigarra** alinha na mesma direção ligas patrióticas, batalhões acadêmicos, linhas de tiro e escolas. O inimigo é comum: o analfabetismo. Quem vai vencê-lo é quem participa de uma das quatro instituições arroladas (ligadas de uma ou outra maneira às elites). Ora, é importante não perder a dimensão de quem são os protagonistas da batalha. A afirmação provalada é de que é fundamental que, na conquista necessária do progresso, “o povo possa ser devidamente instruído e, sobretudo, educado”. Ora, ao que parece, a educação tem aqui um papel absolutamente instrumental.

Para melhor ilustrar esta afirmação, talvez seja interessante recorrer ainda uma última vez à **A Cigarra**. Outra campanha que a revista encampou foi de proteção à língua portuguesa contra os estrangeirismos que invadiam o país. Em 1914, Couto de Magalhães publicaria uma crônica defendendo uma lei municipal que multava pesadamente quem utilizasse letrados publicitários em outros idiomas:

“Nada de Palais Royal, Au Paradis des Dames, Hats Store e quejandos nomes que, através de gestos simiescos, copiamos de grandes bazares ingleses e franceses.”¹⁹

Manuel Leiroz, já em 1917, voltaria ao tema da língua, ao se preocupar com a preservação de uma cultura genuinamente nacional (que seria alcançada por intermédio da nacionalização da arte, do serviço militar, da defesa da pátria e da defesa da língua contra os estrangeirismos²⁰). Leiroz designa

“as diferentes correntes migratórias, as viagens ao estrangeiro e o desamor com que há sido tratado o problema educativo [como] causas evidentes da desnacionalização da língua”.

Defende a elevação do nível do ensino nas escolas, mas também:

“(...) alargar o programa da pedagogia do trabalho e da organização social do trabalho, para que este país não seja só de bacharéis, mas também de agricultores, de artífices, de fabricantes (...)”.

Assim, na sua preocupação com a defesa da língua pátria, Leiroz salienta:

“Queremos apenas a língua nacional no seu apogeu e prestígio, fora da influência dos idiomas internacionais. Estes poderão ter interesse para uma minoria restrita de indivíduos. A grande maioria, porém, não deve cultivá-los por não lhe oferecerem na vida uma utilidade real.”

Chegamos ao ponto fundamental a destacar nessa sucessão de citações. **A Cigarra**, como veículo de seu tempo, escrita pelas e para as elites, defende um modelo de Brasil e uma imagem-ideal de brasileiro que não colocam em questão nenhum dos elementos conformadores da sociedade brasileira de seu tempo. Seu projeto de futuro não é transformador. Defende apenas a alfabetização das camadas subalternas da população em benefício de um hipotético progresso do país (que necessitava, é verdade, de um certo grau de aprimoramento técnico-cultural dos trabalhadores), sem realmente pensar nos reais benefícios que a educação poderia trazer a essas camadas.

Nesse sentido é que se pode entender a opinião de Leiroz: o povo não “precisa” aprender outras línguas, porque no tipo de trabalho que dele se espera elas não serão necessárias. O caráter libertador dado à educação, por exemplo, pelas correntes anarquistas, às quais tantos operários pertenciam, não é compartilhado pela revista **A Cigarra**, nem pelas elites brasileiras²¹.

¹⁹ MAGALHÃES, C. d. “Língua Portuguesa Ensopada com Batatas”. **A Cigarra**, 12, 29 out. 1914.

²⁰ Leiroz, M. “A Língua”. **A Cigarra**, 42, 20 Mai. 1916. Grifos Meus.

²¹ Nesse caso, seria interessante mencionar a “campanha de regeneração” (o mesmo termo, uma vez mais!) de José Vasconcelos, ministro da educação do México. Tal campanha educacional visava não apenas ensinar o espanhol a uma população majoritariamente indígena. Tratava-se de um projeto integrado, envolvendo também o cultivo das artes populares, da música, de rudimentos de agricultura e técnicas de trabalho. Levado a cabo pelo ministro nos anos imediatamente pós-revolucionários (1920 a 24), contou com o auxílio de professores missionários, recrutados entre estudantes universitários que saíam rumo às regiões mais distantes do país para ensinar. Comparar o projeto vasconcelista (cuja visão globalizante tentava integrar cultura e população, valorizando o elemento nacional) com as iniciativas educacionais brasileiros é tarefa de fôlego que fica, porém, para um próximo trabalho.

Mas, antes de terminar, o que dizer d'O Pirralho, sequer mencionado nessa última parte do texto? Apesar do ufanismo ao qual não fugia, já que também defendia campanhas como as de Bilac, O Pirralho não parecia realmente muito preocupado com projetos educacionais, e nem com a defesa da língua pátria, pensada como repositório da nacionalidade. Apesar das suas visões oscilantes quanto à presença imigrante (vez por outra simpáticas, vez por outra xenófobas), reproduzindo os falares dialetais da cidade, O Pirralho de certo modo já incorporava os imigrantes à nação e antecipava a máxima oswaldiana, da "contribuição milionária de todos os erros", de poucos anos depois²².

²² ANDRADE, O. "Manifesto da Poesia Pau-Brasil". In: TELES, G.M. **Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro**. 9ª ed. Petrópolis, Vozes, 1986.